

JORGE AMADO E NOVOS ESCRITORES: PELAS VEREDAS TORTUOSAS DAS CASAS EDITORIAIS

Márcia Rios da Silva
Orientadora: Ivíia Alves

Em seus 70 anos de atividade literária, o escritor Jorge Amado disseminou suas inúmeras narrativas através de meios e mediações diversas, resultando em uma complexa e arrojada rede de recepção, a qual promove a publicação e reedições de suas obras e as mantém em circulação permanente. Tal investimento vem confirmar o caráter institucional da literatura, da qual se fazem usos conforme demandas, interesses e expectativas diferenciados e definidos pelo lugar (histórico) ocupado pelos produtores e receptores.

Quando de sua forte participação no Partido Comunista, e sobretudo a partir da década de 70 na mídia televisiva, Jorge Amado criou estratégias de aproximação com o público, o que confere à recepção de suas obras uma feição singular no contexto da literatura brasileira. Essa larga aceitação de público pode ser confirmada através das cartas endereçadas ao romancista, à Rua Alagoinhas, no. 33, sua residência em Salvador. Como parte do acervo pessoal do escritor, encontra-se arquivado na Fundação Casa de Jorge Amado um número expressivo de cartas das décadas de 70 e 80, assinadas por uma comunidade anônima de receptores. Tais cartas expõem demandas diferenciadas por parte destes admiradores e através delas se pode compor uma biografia de Jorge Amado, no sentido barthesiano do termo. Faz-se presente nessa série de Correspondências tanto o público masculino quanto o feminino que traçam suas histórias de vida, como tentativa de seduzir o escritor em seus diferentes objetivos.

Confrontado com o conjunto de “cartas de mulheres” – nas quais a dimensão afetiva da vida, imbricada com a esfera privada, ganha relevo –, o imenso volume de cartas vindas do público masculino apresenta, majoritariamente, assuntos pertinentes à esfera pública. Em termos

quantitativos, é igualmente numeroso, mas guarda diferenças significativas de pontos de vista ou de posicionamentos, demandas e expectativas. Muitas vezes estão presentes a formalidade e um tom cerimonioso no tratamento dado a Jorge Amado. De modo direto, e geralmente em textos curtos, as correspondências trazem pedidos concretos, de ordem pragmática e de interesse de seus missivistas. Destaque-se nesse conjunto de cartas do público masculino um número relevante de jovens escritores que elegem o consagrado escritor Jorge Amado como patrono de suas carreiras. Nelas, tais postulantes dirigem-se ao mestre para que ele interceda em suas primeiras publicações e lhes possibilite o acesso a instâncias de legitimação, a exemplo de editoras, o que lhe endossa o papel de mediador cultural nesse cenário.

São apelos ao escritor – para que acolha, aprecie e aprove os originais de textos literários –, são pedidos de elaboração de prefácios ou textos para apresentação de livros, bem como solicitação de cartas ou bilhetes de recomendações a editores ou instituições relacionadas ao campo literário. Geralmente esses escritores iniciantes expõem expectativas positivas em relação às respostas que possam vir.

De Salvador, vem uma carta, datada de 1979, na qual se manifesta o valor da indicação de Jorge Amado, um escritor solidário com os “iniciantes”:

Meu caro Jorge:

Entrego-lhe, com a presente, um pequeno “currículo que tem a finalidade de facilitar-lhe a tarefa de escrever a “orelha” do meu:

“HISTÓRIAS E ESTÓRIAS DO CAIXEIRO VIAJANTE”

Logo que a sua nova produção lhe abra uma folga na máquina de escrever, espero ser agraciado com o texto da “orelha”, assim como ficar de posse das cartas redigidas aos editores.

De posse desse imprescindível material, poderei eu iniciar a caminhada pelas veredas tortuosas onde mourejam os senhores maiores das editoras.

Por toda essa sua imensurável simplicidade e esse seu compreensível espírito de colaborar com os iniciantes, antecipo os meus mais sinceros agradecimentos.

Recomendações para D. Zélia e beijos nos netinhos

Atencioso, o signatário não se esquece de fazer suas “recomendações” à escritora Zélia Gattai, companheira de Jorge Amado, e de enviar “beijos” aos netos. Aguarda do romancista um texto para a “orelha” do livro a ser publicado – para tanto encaminha-lhe “um pequeno curriculum que tem a finalidade de facilitar-lhe” tal empreitada –, tão logo tenha uma “folga na máquina de escrever”, vez que se encontra muito ocupado com “sua nova produção”. Espera também “ficar de posse das cartas redigidas aos editores”, o que, seguramente, facilitará sua peregrinação “pelas veredas tortuosas onde mourejam os senhores maiores das editoras”. Nessa fala, reforça-se a visão romantizada do artista, do artista da modernidade, qual seja, a de mártir, de sofredor.

É alto o número de cartas cujos autores têm pouca familiaridade com o universo das letras, bem como há os que se preocupam em mostrar-se cultos, passando, por isso, a redigir suas cartas numa linguagem extremamente formal e a empregar, algumas vezes, palavras de pouco uso. Há uma carta exemplar desse apelo à retórica vazia, explicado pelo caráter institucionalizado da literatura:

Senhor

Jorge Amado

Procurei-o há algum tempo atrás, através de uma carta, solicitando que fizesse a revisão e prefácio de um livro que escrevi. E, por dignidade, – e para gaudio meu – o senhor respondeu-me recomendando que eu procurasse, em seu nome, Vasconcellos Maia para tal mister, motivado pelo fato de ter o senhor que viajar

para a Europa e ‘... por estar com todos os momentos ocupados escrevendo as páginas finais de um novo romance...’ (...)

Talvez seja apenas um sentimento de jactância este estridente desejo que se me manifesta, me acossa e me impele a procurá-lo com um pedido dessa natureza, cujo objetivo final é ver publicada minha obra, apesar de reconhecer ser bastante difícil para o novel que se propõe tornar escritor ver galgado os píncaros da glória em tal atividade. (...)

O missivista, um bacharel em advocacia, como prova o papel timbrado da carta, explicita, clara e francamente, o interesse em corresponder-se com Jorge Amado: “ver publicada minha obra”, para a qual solicita a “revisão e prefácio”. Como se flagram em outras cartas, são constantes as referências à intensa atividade do mestre, apresentada para justificar o fato de não poder atender a alguns pleitos – “pelo fato de ter o senhor que viajar para a Europa e ‘por estar com todos os momentos ocupados escrevendo as páginas finais de um novo romance’”. Mostrando-se atencioso, muitas vezes Jorge Amado encaminhava os pretendentes a pessoas ligadas ao campo literário, com as quais o romancista tinha um vínculo profissional ou de amizade: “o senhor respondeu-me recomendando que eu procurasse, em seu nome, Vasconcellos Maia”, contista e membro, à época, da Academia Baiana de Letras.

O uso de uma linguagem formal pelo signatário – a exemplo de “gaudio”, “jactância”, “novel” e “píncaros da glória” – ativa a tradição baiana de uma oratória no “estilo Rui Barbosa”, numa linhagem que remonta ao Padre Antônio Vieira, quando pregava seus sermões, ainda na Bahia seiscentista. Pressupõe-se aí que um bacharel em Direito dispõe do saber e do poder da palavra, por isso emprega um vocabulário em que predominam termos preciosos, o que lhe confere distinção social. Tal postura se explica pelo fato de ainda persistir no imaginário social

brasileiro a idéia de que “escrever bem” é uma chave de acesso às camadas sociais de prestígio bem como ao universo culto e letrado.

Esse vocabulário contrasta, de forma violenta, com a linguagem das narrativas de Jorge Amado – cuja linhagem remonta a Gregório de Matos –, despojada e “desbocada”, carregada de gírias e palavrões – típica da oratória popular baiana –, marcas que asseguram a grande recepção de seus romances. Nas histórias contadas pelo escritor, ao contrário, o uso de termos “pomposos” tem o intuito de glosa ou de “gozação”, tão ao gosto dos modernistas, com a tradição bacharelesca.

O repertório das cartas examinadas contribui para uma reflexão sobre o papel de Jorge Amado na vida cultural baiana entre os anos 70 e 80, ainda que sua inserção na mídia e suas últimas posições políticas, a partir dos anos 70, passassem a ser questionadas pela crítica de vertente erudita e por alguns segmentos da esquerda.

Estes textos epistolares podem ser lidos como um conjunto de informações preciosas e pontuais dos projetos de inserção dos missivistas no campo instituído da literatura, bem como fornecem pistas para se analisar e se compreender a constituição e funcionamento desse campo na Bahia, e até mesmo no Brasil, no qual não se pode ignorar a importância das negociações e trocas simbólicas, junto às esferas do poder e da elite cultural, muitas vezes sem abrir mão do mecenato do Estado, para a realização de projetos de inserção em tal campo.

Nessa relação epistolar, ambas as partes se beneficiam, ao menos no plano simbólico. De um lado, os novos escritores criam expectativas de terem seus projetos literários realizados, um empreendimento que exige o conhecimento de canais e meios seguros. Por outro lado, o escritor confirma seu prestígio e celebração, ao se perceber solicitado insistentemente por tais escritores, atitude encorajada pelo próprio Jorge Amado, à medida que abriu espaço para o circuito das correspondências.

Em razão da dificuldade de ingresso no mercado editorial, recorre-se a um romancista notável, o qual poderá fazer indicações seguras a respeito de publicações. Nos anos 70, tem-se o *boom* editorial no mercado de livros, com lançamentos de novos autores, bem como de escritores renomados, o que vem gerar expectativas positivas em um contingente expressivo de aspirantes à carreira literária, conforme demonstram as cartas analisadas. Essa expansão do mercado livreiro, entretanto, não acolhe satisfatoriamente tal demanda. As editoras, com seus critérios de aprovação para publicação de obras literárias, nos quais também se inclui o aval dos *experts*, não contemplam uma parcela significativa desses pretendentes, para os quais resta buscar mecanismos de acesso aos meios editoriais convencionais.

No contingente dos missivistas que requerem encaminhamento ou recomendação a editores, há um número expressivo de aspirantes da Bahia, o que em parte se deve à inexistência de um mercado editorial local. A atividade editorial praticamente restringia-se ao eixo Rio-São Paulo – mercado arrojado, com selos de prestígio, já na década de 70, que publicava novos autores. No entanto, isso não significa prescindir de um capital de relações sociais que viabilize as publicações. Dada a dificuldade de acesso às editoras convencionais, recorria-se ao patrocínio de instituições culturais do Estado, o grande mecenas. Por não terem o lucro econômico como alvo, tais organismos se mostravam mais receptivos às novas produções, o que não significa também, muitas vezes, dispensar o capital de relações sociais.

A busca de apoio de Jorge Amado para publicações se deve, sem dúvida, ao fato de o escritor ser um fenômeno de vendas e à sua participação, desde o início da carreira, na atividade editorial do país¹. A familiaridade de Jorge Amado com o funcionamento da máquina editorial e

¹ De acordo com Albino Rubim, o Partido Comunista, já no início dos anos 20, vai desenvolver sua atividade editorial, prevista no seu estatuto, vindo a deslanchar-se nos anos 30, quando se formava um público leitor e um mercado de livros no país. Com o intuito de veicular a doutrina partidária, tal atividade foi intensa e não se restringiu a edição de jornais e revistas. Estendeu-se à edição de livros, com um esquema de distribuição e venda, refletindo uma tradição do movimento marxista internacional. Abriram-se diversas casas editoras, voltadas para a tradução de obras literárias estrangeiras ou nacionais, cujos temas eram de interesse do Partido Comunista, criando-se ainda coleções que abordavam a realidade brasileira. Na década de 40, estrutura-se, em moldes de empresa, a sua editora mais importante, a Editorial Vitória, para a qual Jorge Amado trabalhou. Cf. RUBIM. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995.

a sua consagração explicam a mobilização de jovens escritores, que, destituídos de um capital cultural que lhes permita publicar em selos editoriais de prestígio, vão em busca de apoios e apadrinhamentos. Destaque-se aqui como fruto desta familiaridade a atividade editorial desenvolvida pela Fundação Casa de Jorge Amado, desde 1987, na qual se inclui a publicação de livros, e a promoção de eventos relacionados à atividade literária.

A tentativa de entrada desses jovens escritores no campo instituído da literatura pode ser examinada a partir da discussão desencadeada por Pierre Bourdieu acerca do funcionamento da arte segundo os conceitos de “campo” e “interesse”. Desatendendo à visão idealista da arte como expressão humana desinteressada, o pensador francês desloca a noção de interesse do âmbito utilitário, em que prevalece a visão comumente aceita de motivações lucrativas e, portanto, econômicas. Para Bourdieu, o campo da arte, assim como qualquer outro campo, estrutura-se através de investimentos que não dizem respeito necessariamente a uma vontade “consciente” dos interessados. A relação entre os agentes e o seu campo específico de escolha, a que se dá o nome de “jogo”, é atravessada por um processo de encantamento, de extração pulsional, que leva esses agentes a não desistirem da apropriação do capital simbólico ou cultural. O jogo então se estabelece entre os legitimadores do campo da literatura e esses aspirantes, aqui entendidos como os jovens escritores que solicitam o aval de Jorge Amado.

Os novos escritores vêm endossar, pelas pistas deixadas nas cartas, o fato de a literatura ser uma instituição social também responsável por modular e possibilitar projetos de vida individuais, para os quais, muitas vezes, não se dispensam as instâncias legitimadas. Atendendo a essa lógica, o sucesso de uma carreira artística ou literária depende, acima de tudo, de assinaturas

autorizadas, de legitimadores do campo – dos que podem classificar, como afirma Bourdieu –, vindo a confirmar, pelas circunstâncias sob as quais se constrói, a estreitíssima autonomia da arte, dependente, no contexto moderno e contemporâneo, de mediações e mediadores. Um dos êxitos de recepção do escritor Jorge Amado reside justamente na abertura a tais projetos, o que acaba por revelar a fragilidade presente na idéia de que arte e literatura são práticas imunes às regras da produção social.